



## **O TURISMO, A CIDADE E O URBANO: PENSANDO O FUTURO A PARTIR DAS ENCRUZILHADAS DO PRESENTE**

*TOURISM, THE CITY AND THE URBAN: THINKING ABOUT THE FUTURE FROM THE PRESENT CROSSROADS*

*TURISMO, CIUDAD Y LO URBANO: PENSANDO EL FUTURO DESDE LAS ENCRUCIJADAS DEL PRESENTE*

EIXO TEMÁTICO 2 - Paisagens, Territórios e Espaços Públicos

**Coordenador(es)**

**ABREU, Luciano Muniz**

Doutor em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ); DAU/UFRRJ e PPGAU/UFRJ  
lmabreu@ufrjr.br

**DIÓGENES, Beatriz Helena N.**

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP); DAU/UFC e PPGAU+D/UFC  
bhdiogenes@ufc.br

**Trabalho 1**

**PEREIRA, Pablo E. A.**

Mestre em Turismo pela UFRN; PPGTUR/UFRN  
pablopereira@ufrn.edu.br

**FONSECA, Maria Aparecida P. da**

Doutora em Geografia (UFRJ); DGEO/UFRN e PPGTUR/UFRN  
maria.pontes@ufrn.br

### **TURISMO E MERCADO IMOBILIÁRIO NA VILA DE PONTA NEGRA/NATAL/RN: SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL**

**Trabalho 2**

**SANTOS, Denise Betânia Marques dos**

Doutoranda em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE); MDU/UFPE  
denisemarques@gmail.com

**ANDRADE, Josiane Nascimento**

Doutoranda em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE); MDU/UFPE  
josiane.andrade@ufpe.br

**ARAUJO, Cristina Pereira de**

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP); MDU/UFPE  
cristina.pereira@ufpe.br

### **TRANSFORMAÇÕES URBANAS E NEOLIBERALISMO: AIRBNB E MERCADO DE ALUGUÉIS NO LITORAL DO NORDESTE BRASILEIRO**



### **Trabalho 3**

**SILVA, João Paulo da**

## **TURISMO, PRODUÇÃO DO ESPAÇO E REABILITAÇÃO URBANA DO CENTRO HISTÓRICO DO RECIFE**

Doutor em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE); MDU/UFPE  
turismo.joao@gmail.com

### **Trabalho 4**

**DIÓGENES, Beatriz Helena N.**

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP); DAU/UFC e PPGAU+D/UFC  
bhdiogenes@ufc.br

**PAIVA, Ricardo Alexandre**

Doutor em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP); DAU/UFC e PPGAU+D/UFC  
ricardopaiva@ufc.br

**PEREIRA, Alexandre Queiroz**

Doutor em Geografia (UFC); DGEO/UFC e PPGeo/UFC  
aqpufc@gmail.com

## **REVISITANDO O LUGAR DAS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO LITORÂNEA E TURÍSTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA**

### **Trabalho 5**

**FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego**

Doutor em Urbanismo (PROURB/UFRJ); FAU/UFRJ e PROURB/UFRJ  
sfagerlande@fau.ufrj.br

**CARDOSO, Gabriela Graças Peres**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; FAU/UFRJ  
gabriela.cardoso@fau.ufrj.br

**ROCHA, Maria Fernanda Cardoso da**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; FAU/UFRJ  
maria.rocha@fau.ufrj.br

## **MUSEUS E TURISMO NAS PERIFÉRIAS CARIOCAS: PATRIMÔNIO, PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E IDENTIDADE**



*o aqui e o agora é habitado por muitos alhures  
e inumeráveis quando.  
(Alfonso Berardinelli)*

*a cidade não é apenas uma máquina infernal a serviço do capitalismo, ela é, também, o lugar da vida  
cotidiana, da interação social, ou seja, é o lócus da sociabilidade  
(Henri Lefebvre)*

As práticas socioespaciais do turismo redefinem o território usado, relacionando-se dialeticamente com a produção do espaço na sua totalidade. Se, por um lado, o território usado é espacialidade de conflitos e contradições sociais próprias do sistema capitalista, ultimamente exacerbadas pelos avanços no campo das inovações tecnológicas e digitais, em consonância com a emergência e hegemonia do capital financeiro (fictício e intangível), por outro lado, tem potencial para se impor como resistência e divergência.

O espaço urbano e o território são produzidos e readequados conforme as relações sociais de produção nele atuantes que, por sua vez, estabelecem relações diretas com as atividades econômicas predominantes e com as formas de exploração do próprio espaço.

O turismo, por sua vez, é uma das práticas socioespaciais mais relevantes na contemporaneidade e que faz significativo uso do território. Dados da Organização Mundial do Turismo apontam que a atividade movimentou internacionalmente, no ano de 2022, aproximadamente 604.500.000.000 (seiscentos e quatro bilhões e quinhentos milhões de pessoas) e, em 2023, teve uma receita estimada em mais de US\$ 1,4 trilhão, englobando cada vez mais territórios de diversas partes do mundo (ONU News, 2023).

Trata-se de um fenômeno de contornos urbanos, ainda que, em alguns casos, o produto seja a natureza “selvagem” do ecoturismo, o bucolismo do turismo rural, ou os “enclaves” oferecidos pelos *resorts*. Para existir, o turismo requer uma condição logística que somente a proximidade ou sua inserção na cidade permitem. Exige infraestrutura, de deslocamento e acesso, permanência e suporte, bem como produtos que englobam desde a apreciação da natureza a opções de diversão e lazer, além de um mínimo de serviços similares aos que o turista encontra no seu local de origem.

Considerando que a maior parte das localidades turísticas consolidadas ou em consolidação tem sua dinâmica e forma urbana precedentes ao turismo (o fenômeno urbano é muito anterior ao advento do turismo), o desenvolvimento da atividade chama para si uma infinidade de esforços e transformações neste meio urbano que, no contexto capitalista pós-fordista, apresentam-se como uma nova fronteira ao processo de acumulação e reprodução do capital.

De fato, Abreu (2010) salienta, com base em Harvey (2005), que o capital, em seu processo de acumulação e reprodução, utiliza-se de três mecanismos principais: (i) incorporação de novos territórios, ampliando suas fronteiras de acumulação e reprodução; (ii) deslocamento no tempo por meio de imobilização (investimentos fixos), onde há uma transposição do capital sobreacumulado em investimentos de longo prazo, ou; (iii) uma combinação desses dois últimos, isto é, por meio de uma ordenação espaço-temporal, deslocando-se no tempo e no



espaço. É nessa terceira possibilidade que a atividade turística, como tem sido empreendida no contexto capitalista nas últimas décadas, se enquadra.

Assim, a urbanização e a reorganização espacial de cidades e, portanto, de suas paisagens, são elementos importantes no processo de acumulação e reprodução do capital. Não à toa, há grande interesse por parte dos grupos econômicos hegemônicos, sobretudo daqueles com braços no mercado imobiliário, nos projetos de expansão e revitalização de áreas urbanas relacionados ao turismo e ao imobiliário.

Neste sentido, enquanto atividade econômica principal de diversas localidades, o turismo tem demonstrado influência direta na produção do espaço e configurado uma forma bastante específica de urbanização, denominada por alguns autores de *urbanização turística* (Mullins, 1991). Este processo tem trazido a reboque relevantes impactos de ordem socioespacial, socioeconômico e socioambiental, que esfacelam ainda mais as já fragilizadas dinâmicas urbanas da população mais pobre.

Para Brandão (2007: p. 192), “a cidade é a sede e o ambiente da reprodução das classes, da atividade de produção, distribuição, troca e consumo.” Considerando o turismo como uma atividade relativamente nova, à qual tem sido atribuída a função de tornar dinâmicas economias estagnadas, sua inserção, em escala, no meio urbano, influencia sobremaneira essa dinâmica, ao trazer novos elementos que se refletem desde os aspectos físicos, com reconfiguração da paisagem, até os aspectos socioeconômicos, com a geração de novos problemas e demandas.

É neste sentido também que os processos de transformação espacial no contexto urbano, realizados em função do turismo, refletem diretamente no poder de comando sobre os recursos da comunidade, isto é, implicam numa redistribuição da renda real (Harvey, 1980), já que geram: alterações no leque de oportunidades de produção e consumo; mudanças na distribuição espacial dos custos de acesso e; alterações nos valores dos bens imobiliários.

Entendido como prática social e de consumo do espaço, o turismo entremeia-se no tecido urbano, dele necessita e nele se reflete. Para além das atrações que possa oferecer, é a cidade que é colocada como produto, em grande medida, ainda que apenas uma parte dela seja, de fato, visitada. A oferta de setores do espaço urbano estruturados e ordenados para fruição turística causa eventualmente conflitos para o residente, em especial para aqueles de mais baixa renda que, em muitos casos, não apenas não são contemplados no usufruto dos espaços criados, como, não raramente, enfrentam os impactos de processos socioespaciais e econômicos de maior gravidade, a exemplo dos processos de desterritorialização, gentrificação e empobrecimento.

Os diversos estudos sobre o turismo e sua geografia têm apontado para o seu poder de estruturação e reestruturação dos espaços e das relações sociais e de produção (para não falar das transformações de valores culturais) especialmente onde ele se impõe, numa dinâmica, quase que invariavelmente, conflituosa. Ele intervém na cidade e na sua produção, como estrutura espacial e lócus onde a vida acontece, interferindo, pois, nas forças e tendências que



nela atuam e estruturam – o urbano -, materializando-se, de modo interativo, nas formas espaciais, resultantes destes processos de produção do espaço urbano.

Assim, nas localidades turísticas, a cidade e o urbano são o lócus de convergências, dispersões, conflitos e contradições geradas pelo encontro e confronto de interesses diversos entre visitantes e visitados; são a encruzilhada entre a fruição do prazer e avaliação dos modos de vida. São também locais de encontro entre os caminhos das dinâmicas locais e das externalidades, das horizontalidades e verticalidades (miltonianas), evidenciados no espaço social do concebido, percebido e vivido.

São nessas encruzilhadas formadas pelo turismo com a cidade que as disputas da vida concreta são desnudadas, mas também, e sobretudo, onde se encontram os pontos a partir dos quais devemos nos balizar para discutir e decidir quais rumos tomar dentre as múltiplas possibilidades que se apresentam.

É sob esse espectro que o presente Simpósio Temático – *O turismo, a cidade e o urbano: pensando o futuro a partir das encruzilhadas presentes* - busca discutir a relação entre estes três entes, numa perspectiva de encaminhamentos para o futuro, a partir de cinco trabalhos desenvolvidos por pesquisadores vinculados a seis instituições federais de ensino e pesquisa, de quatro diferentes estados e duas macrorregiões brasileiras.

Os trabalhos dialogam com o Eixo Temático 2 do evento – Paisagens, Territórios e Espaços Públicos - na medida em que abordam estudos a respeito de diferentes agentes públicos e privados envolvidos não apenas nos regramentos de ocupação e produção da arquitetura das cidades e de seus territórios tendo o turismo como condutor deste processo, mas, sobretudo, com os conflitos e impactos na vida concreta dos habitantes da cidade.

O primeiro trabalho trata das investidas do turismo e do mercado imobiliário na Vila de Ponta Negra, na capital potiguar, evidenciando processos de desterritorialização e segregação residencial que têm pressionado esta importante área de especial interesse social do município.

O segundo trabalho discute de modo mais amplo as transmutações do turismo e suas adaptações ao contexto do capitalismo neo e ultraliberal, com seus processos inovativos, financeiros e, em especial, de plataformização – como o Airbnb. A partir de estudos em municípios turísticos do litoral nordestino, o trabalho aborda os impactos de tais processos nas dinâmicas das cidades turísticas, em especial a plataforma Airbnb no mercado de aluguéis das localidades estudadas.

No terceiro trabalho, que tem como recorte espacial o centro histórico da capital pernambucana, as discussões assentam-se em como o turismo vem se configurando como uma das principais políticas de reabilitação de centros urbanos, atuando na produção do espaço, orientando a gestão urbana local a partir da ocupação do território pelos agentes turístico-imobiliários e como tais processos não apenas não resolvem importantes questões sociais das áreas onde a políticas de reabilitação de áreas centrais são implementadas, como também evidenciam e reforçam as desigualdades sociais.



O quarto trabalho se debruça sobre a investigação do lugar das segundas residências no processo de urbanização litorânea e turística na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), em seus aspectos quantitativos e qualitativos, com o entrelaçamento da vilegiatura marítima e o chamado “turismo residencial”, que toma novas formas a partir dos empreendimentos turísticos-imobiliários que impulsionam e/ou conduzem processos de urbanização no litoral cearense.

Por fim, o quinto trabalho tangencia a discussão a respeito de iniciativas do turismo contra hegemônico e as resiliências locais, a partir de estudos sobre turismo comunitário e construção identitária em áreas periféricas, não somente nas favelas, como em quilombos e também nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro.

Mais do que a apresentação de estudos a respeito da imbricada e complexa relação entre o turismo, a cidade e o urbano, este Simpósio busca contribuir para o avanço das discussões sobre esta relação numa perspectiva de futuro. Ou seja, descortinados os conflitos e contradições da realidade concreta desta relação, interessa-nos discutir: o que podemos aprender com as encruzilhadas que ora se apresentam? Quais as perspectivas para o futuro? E, o mais importante, que futuro e que sociedade queremos?

## REFERÊNCIAS

ABREU, Luciano Muniz. Uma “Viagem” de Inclusão: Turismo, Desenvolvimento e Território. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR. (Tese) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010.

BRANDÃO, Carlos Antônio. Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. Justiça social e a cidade. 1ª ed brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1980.

MULLINS, Patrick. Tourism urbanization. International Journal of Urban Regional Research, 15 (3): 326-342, 1991.

ONU News. Turismo internacional deve chegar a 90% dos níveis pré-pandemia em 2023. Portal de Notícias da Organização das Nações Unidas. 19 dez. 2023. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825097#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,janeiro%20e%20setembro%20de%202023>>. Acessado em 07 mai 2024.



## RESUMO do Trabalho 01

### TURISMO E MERCADO IMOBILIÁRIO NA VILA DE PONTA NEGRA/NATAL/RN: SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL

#### INTRODUÇÃO

O bairro de Ponta Negra está localizado na zona sul da cidade de Natal-RN e apresenta diferentes nuances no uso e ocupação do solo. Essas diferenças foram intensificadas pelo desenvolvimento da atividade turística, com a instalação de equipamentos turísticos e a expansão de empreendimentos imobiliários, destacando-se a construção dos condomínios verticais e horizontais. Esses tipos de uso e ocupação do solo no espaço urbano contrastam com moradias precárias e vulneráveis que predominam na Vila de Ponta Negra, que integra o referido bairro.

Para Castells (1975, p. 73), a produção do espaço gera uma série de processos sociais que criam funções, formas espaciais e atividades dentro de uma organização espacial. São pormenorizados os fatos que marcam a formação da organização social, o turismo e os objetos imobiliários.

Áreas ocupadas pela comunidade da Vila de Ponta Negra, antes periféricas, tornaram-se cobiçadas pelo capital imobiliário e sofreram intervenções do poder público, principalmente por causa do crescimento da atividade turística na orla e pelo deslocamento da classe média para a zona sul da cidade de Natal-RN.

Diante da problemática delineada acima, o objetivo desse trabalho é: compreender os processos espaciais decorrentes da dinamização do mercado imobiliário na Vila de Ponta Negra/Natal-RN após a expansão da atividade turística. Para operacionalizar a pesquisa foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- I) Investigar como a atividade turística redefine o uso e ocupação da Vila de Ponta Negra;
- II) Pesquisar a dinâmica e evolução do mercado imobiliário, identificando as tipologias e características dos imóveis;
- III) Diagnosticar o papel do poder público local e sua atuação como formulador de políticas públicas para o desenvolvimento territorial;
- IV) Discutir como se deu a mudança do perfil populacional observada na comunidade após a emergência do turismo, que altera a dinâmica local;

#### METODOLOGIA

- 1) Recorte espacial e temporal

A Vila de Ponta Negra é parte integrante do bairro de Ponta Negra, situada na zona sul de Natal-RN. Se constitui de uma Área Especial de Interesse Social que vem passando por um intenso



processo de especulação imobiliária. Está inserida em um contexto geográfico diferenciado, cercada pela Orla de Ponta Negra, ZPA-6 (Morro do Careca e Dunas associadas) e por uma AEITP-1 (Área Especial de Interesse Turístico e Paisagístico).

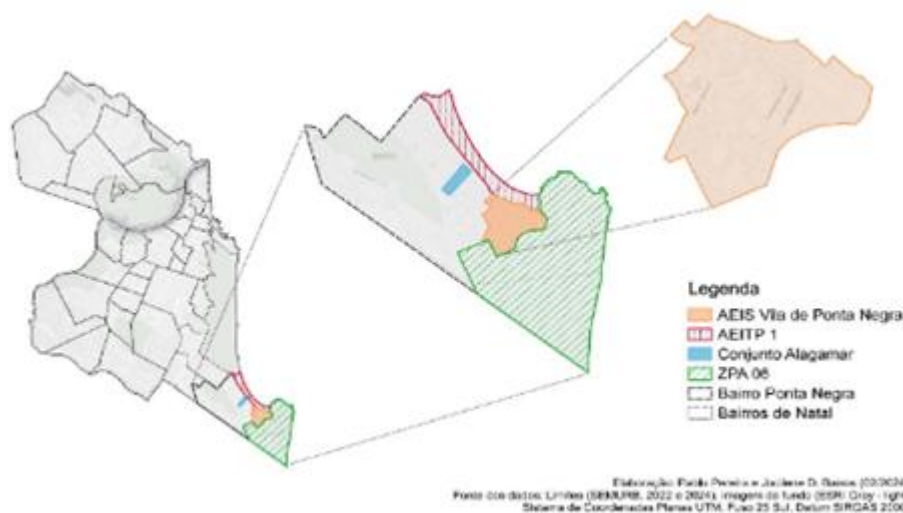


Figura 1- Localização da área de estudo em Natal/RN  
Fonte: Elaborado por Pablo Pereira e Jocilene D. Barros (2024)

O recorte temporal deste trabalho refere-se ao momento em que a atividade turística se intensifica em Natal-RN, com a construção do Parque das dunas/Via Costeira, ou seja, nos anos 1980. A partir desse momento, verifica-se a criação dos objetos imobiliários estimulados pelo crescimento do turismo, repercutindo na Vila de Ponta Negra de forma mais acentuada com o boom imobiliário nos anos 2000. Pós anos 2000, verifica-se a potencialização dos processos espaciais na Vila de Ponta Negra.

Essa pesquisa parte de uma fundamentação teórico-metodológica orientada pela perspectiva harvey-lefebvriana. Para Lefebvre (1983, p.95) é utilizando-se da dialética que os pesquisadores confrontam as opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e as contradições; e tentam... elevar-se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo.

A pesquisa é constituída de natureza quantitativa e qualitativa e caracterizada de maneira interpretativa, crítica e reflexiva, principalmente porque se buscou dedicar uma visão geral sobre os processos espaciais na Vila de Ponta Negra.

A metodologia desse projeto foi realizada tendo em vista algumas etapas:

- I) Pesquisa bibliográfica
- II) Pesquisa de campo
- III) Pesquisa documental



## RESULTADOS

A segregação é um elemento importante da produção do espaço urbano. É o lado negativo da vida urbana e da cidade. É uma consequência do produto da reprodução social.

A partir de registros fotográficos in loco na Vila de Ponta Negra, Natal-RN, percebe-se de maneira nítida a diferenciação residencial no mesmo espaço urbano.

As figuras 2 e 3 mostram que o extremo social se faz presente na Rua Francisco Simplício, uma das principais vias de acesso da Vila de Ponta Negra, Natal-RN. As tipologias habitacionais são caracterizadas por casas de classe média, condomínios verticais, moradias precárias, aglomerações subnormais, condomínios horizontais, pequenas vilas e quitinetes. É um espaço dialético, contraditório, com distintas classes sociais.



Figura-2 habitações precárias  
Fonte: Pereira, pesquisa em campo (2023)



Figura 3- Habitação classe média  
Fonte: Pereira, pesquisa em campo (2023)



Na Vila de Ponta Negra, Natal-RN, a segregação residencial impulsionada pela atividade turística ocorre quando as moradias de classe média compartilham espaços com as casas em condições precárias na mesma rua ou em ruas adjacentes. De acordo com Corrêa (2018, p. 40), o resultado desta complexa relação entre processo e forma é que a segregação residencial exhibe configurações espaciais com distintas temporalidades, mas coexistindo no mesmo espaço presente.

Logo, a ausência de investimentos do poder público e a voracidade do mercado imobiliário contribuem para a intensificação da segregação residencial, pois a comunidade local que vive com renda predominante de até três salários mínimos não tem poder aquisitivo para adquirir novos terrenos ou moradias devido à valorização desses objetos imobiliários que estão localizados na proximidade da praia de Ponta Negra e do Morro do Careca, principal atrativo turístico natural da cidade de Natal-RN.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa consumada visou compreender os processos espaciais que foram desencadeados pela atividade turística e pelo mercado imobiliário na Vila de Ponta Negra, em Natal-RN, tendo como foco a segregação residencial que ficou cada vez mais nítida na medida em que a urbanização turística valorizou a área e atraiu o mercado imobiliário para produção de imóveis destinados a uma população com maior poder aquisitivo. Dessa forma, as distinções das classes sociais são escancaradas visualmente, a vida comunitária também se fragmenta e se esgarça na medida em que avança a urbanização turística no principal bairro turístico de Natal-RN.

### **REFERÊNCIAS**

CASTELLS, Manuel. Problemas de Investigação em Sociologia Urbana. Lisboa: Presença, 1975.

CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria; VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade contemporânea: segregação espacial. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LEFEBVRE, Henri. Lógica formal/lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.



## RESUMO do Trabalho 02

### TRANSFORMAÇÕES URBANAS E NEOLIBERALISMO: AIRBNB E MERCADO DE ALUGUÉIS NO LITORAL DO NORDESTE BRASILEIRO

#### CONTEXTUALIZAÇÃO

Quando o neoliberalismo ascendeu no cenário global na década de 1970, sua aceitação foi controversa. Por um lado, e esse lado foi maioria, teve grande aceitação. Por outro, causou rejeição e foi apontado como processo que aprofundaria desigualdades. Pela maneira como se estabeleceu, ora por meio da destruição criativa, ora por meio de ditaduras, proporcionou instabilidades e retrocessos no equilíbrio das relações sociais.

Ao lado dos ataques aos direitos trabalhistas e avanço das privatizações e desregulamentações, no núcleo do neoliberalismo está a financeirização. Esse processo marca o predomínio da esfera fictícia sobre a produtiva e passa a dominar as relações comerciais como investimentos mais seguros, ainda que improdutivos. Mas é a partir da crise financeira global de 2008 que avança controversamente para um patamar de maior importância. Passou, objetivamente, a ser uma nova razão do mundo (Dardot; Laval, 2016).

O neoliberalismo atua na mercantilização de todas as esferas da sociedade, a vida cotidiana nas suas expressões mais elementares passa a ter valor de mercado. No contexto urbano, com sua adoção, as contradições e desregulamentações são exacerbadas transformando as cidades em mercadorias que refletem o avanço de questões como desigualdade, gentrificação e déficit habitacional.

Com os interesses do mercado imobiliário entrando nesse cenário como importante ator na produção do espaço, as especulações financeiras passam a capitanear a produção e o consumo urbanos. Passam a ser plataformas para o desempenho do capitalismo financeirizado, confeccionando novos produtos imobiliários aliados a tecnologias que visam maximizar os lucros dos investidores.

Desse modo, com o neoliberalismo aliado às tecnologias, surge no cenário de inovações e mudanças, o capitalismo de plataforma. Tal inovação é singularmente representada pelo surgimento do Airbnb, que iniciou suas atividades em 2008 nos Estados Unidos e hoje está presente em mais de 100 mil cidades e municípios em todo o mundo (Airbnb, 2024).

No Brasil, especificamente, observa-se uma predominância da oferta em municípios litorâneos, concordando com o que observam Gutiérrez e seus colaboradores (2017), ao afirmarem que a plataforma concentra seu interesse em localidades de forte atividade turística, a exemplo dos centros históricos e das praias.

A plataforma funciona a partir da oferta de imóveis por usuários denominados anfitriões, que podem disponibilizar espaços inteiros ou compartilhados para os hóspedes. A oferta de espaços



compartilhados dialoga com a gênese do movimento da chamada economia do compartilhamento. Entretanto, observa-se que a prática da oferta de imóveis inteiros ganhou contornos rentistas muito evidentes a partir do interesse de investidores e grupos imobiliários, que passam a administrar um grande número de unidades, por vezes construídas especificamente para utilização no Airbnb (Andrade, Araujo e Cristino, 2024). Assim, o Airbnb é um dos expoentes do capitalismo de plataformas, que segundo Srnicek (2018) se vale do discurso de colaboração entre as pessoas como uma estratégia de reconfigurar o sistema capitalista para atingir novas formas de exploração.

Compreende-se a organização flexível da produção no espaço e a expansão do capitalismo de plataformas, combinadas aos valores e práticas socioespaciais de uma sociedade urbana que está sempre em busca de novas mercadorias, criaram um ambiente propício para a inserção do Airbnb nas grandes metrópoles e, também, em municípios muito pequenos, mas que contam com características espaciais e turísticas atrativas para receber visitantes. Neste sentido, o litoral do Nordeste brasileiro se configura como o recorte de análise ideal, por reunir os mais distintos tipos de municípios em termos sociais, culturais e econômicos.

Em um universo tão distinto, busca-se, no mercado imobiliário, mais precisamente no mercado de aluguéis, um ponto comum. A presença dos domicílios de uso ocasional, tão marcantes nos municípios pequenos, contrasta com a utilização da plataforma Airbnb para oferta de imóveis em que poderiam ser disponibilizados ao mercado de longa duração nas capitais e municípios de maior porte. Deste modo, este trabalho questiona de que maneira a incidência de imóveis ofertados no Airbnb influencia o mercado de aluguéis no litoral do Brasil.

## **OBJETIVO**

Este trabalho tem como objetivo analisar a incidência da oferta de imóveis da plataforma Airbnb nos municípios litorâneos do Nordeste brasileiro, com vistas a discutir sua repercussão ao mercado de aluguéis.

## **MÉTODO**

O estudo adota uma abordagem quantitativa, utilizando-se da análise de dados sobre os domicílios particulares permanentes fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010; 2022). Também são extraídos do Airdna (2024) dados relativos ao número e localização dos anúncios, permitindo a avaliação da densidade de propriedades listadas no Airbnb por município. Com essas informações, busca-se entender as tendências de inserção e os impactos da plataforma nos diferentes contextos urbanos observados no recorte de análise.

## **RESULTADOS ESPERADOS**

A partir da metodologia testada por Andrade, Araujo e Cristino (2024), espera-se obter um panorama da densidade de anúncios da plataforma, possibilitando identificar de que maneira os diferentes municípios litorâneos do Nordeste brasileiro vêm absorvendo os impactos do



Airbnb em seu mercado de alugueis. Para tanto, serão extraídos e analisados os dados acerca dos domicílios particulares permanentes dos municípios do recorte, possibilitando a discussão acerca de sua densidade e suas repercussões. Os resultados serão observados a partir de tabelas e mapas temáticos, que permitirão uma reflexão sobre os diferentes impactos percebidos em todo o recorte.

## REFERÊNCIAS

AIRBNB. **Sobre nós**. 2024. Disponível em: <https://news.airbnb.com/br/about-us/>.

AIRDNA. **Custom vacation rental reports**. 2024. Disponível em: <https://www.airdna.co/custom-vacation-rental-reports>.

ANDRADE, Josiane Nascimento; ARAUJO, Cristina Pereira; CRISTINO, Claudio Tadeu. “Incidência e repercussões do Airbnb: O caso do Rio de Janeiro”. **Oculum Ensaios**. Campinas: PUC Campinas, Vol. 21, e24547, pp. 1-20, 2024.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian; **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

GUTIÉRREZ, Javier; GARCÍA-PALOMARES, Juan; ROMANILLOS, Gustavo; SALAS-OLMEDO, Maria. “The eruption of Airbnb in tourist cities: Comparing spatial patterns of hotels and peer-to-peer accommodation in Barcelona”. **Tourism Management**. Londres: Elsevier, Vol. 62, pp. 278-291, 2017.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.



## RESUMO do Trabalho 03 TURISMO, PRODUÇÃO DO ESPAÇO E REABILITAÇÃO URBANA DO CENTRO HISTÓRICO DO RECIFE

Nas últimas décadas, as grandes cidades brasileiras começaram a passar por um intenso processo de reestruturação urbana que gerou a expansão das periferias e a substituição de estruturas horizontais de alta qualidade ambiental por estruturas verticalizadas e pelo crescimento das novas centralidades urbanas, contribuindo assim para o esvaziamento das áreas centrais dessas cidades (Lacerda, 2018).

Segundo Carrion (2014), as políticas de reabilitação dos centros urbanos estão comumente atreladas à promoção de atividades de turismo, entretenimento e lazer. Para Cruz (2001, p. 11-12), “toda análise sobre a participação do turismo na produção do espaço geográfico [...] deve considerar o conjunto de relações em que se desenvolve a atividade, bem como suas dimensões global e local”. Portanto, a ordem nacional e internacional dada ao desenvolvimento do turismo interfere, muitas vezes, de forma irreversível, na escala de municípios e, mais a fundo, em comunidades que apresentam iniciativas de produção de bens e serviços para turistas.

Isso significa que, embora o turismo tenha um papel importante na reabilitação dos centros urbanos, ele por si só não garante uma transformação sustentável e equilibrada, pois esta atividade tende a se apropriar do espaço para imprimir novas dinâmicas territoriais e estimular a criação e a transformação de objetos e atividades, redefinir a lógica de desenvolvimento local e estabelecer modelos de exploração pautados em uma perspectiva de divisão social e territorial do trabalho (Cruz, 2018). Um processo de reabilitação de centros urbanos pressupõe uma estratégia de gestão urbana através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais, a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes. Segundo a Carta de Lisboa (1995), “isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito”.

Nessa direção, o centro histórico do Recife/PE, vem sendo objeto de diversas ações e políticas de reabilitação urbana que têm como desafio aliar a preservação da memória e do patrimônio arquitetônico com a atração de investimentos privados, especialmente destinados ao fortalecimento da atividade turística. A área central da cidade reúne os principais atrativos culturais e de lazer, além de constituir uma paisagem urbana que reproduz a convivência entre as edificações históricas, o rio e o manguezal. Porém, questões relacionadas à infraestrutura defasada e à deterioração das condições de moradia têm contribuído para a perda de sua atratividade, além da modernização desenfreada e a preferência por espaços mais “confortáveis”, a exemplo dos shoppings centers, tem afetado negativamente o comércio popular, uma das principais horizontalidades da maioria dos centros urbanos brasileiros.

Desde dezembro de 2021, uma nova política de reabilitação urbana está em curso no centro histórico do Recife, com foco na atração de investimentos por meio da oferta de incentivos



fiscais para a ocupação das Zonas Especiais de Proteção do Patrimônio Histórico (ZEPH). Em função disso, diversos empreendimentos turístico-imobiliários têm sido atraídos para a região, impulsionando mudanças significativas na dinâmica urbana. Um dos principais exemplos é a construção de um hotel de grande porte na marina do Cais de Santa Rita, bairro de São José (figura 1).



Figura 1 - Novotel Marina, em fase final das obras.  
Fonte: Gabinete do Centro do Recife (2024).

Projeto do Consórcio Porto Novo, formado por quatro empresas investidoras, o Novotel Marina programa sua abertura para junho de 2024. O complexo turístico está em uma área de mais de 115 mil m<sup>2</sup> e integra uma marina, um centro de convenções e um restaurante. Segundo informações da Prefeitura do Recife (2024), o investimento já supera o montante de R\$200 milhões investidos na obra.

Da parte da gestão municipal, há um esforço para a requalificação do entorno do empreendimento com investimentos na reforma de equipamentos turísticos e melhoria de espaços públicos, ambientes destinados ao consumo dos turistas que se hospedarão no Novotel Marina. Desde o início das obras do hotel, a Prefeitura já destinou mais de R\$100 milhões a essas intervenções (Prefeitura do Recife, 2024). Assim, o alinhamento entre o Estado e o mercado deve ser encarado como componente decisivo na produção do espaço urbano, pois os transformam em mercadoria na medida em que exacerba o valor de troca em relação ao valor de uso (Cruz, 2007; Araujo, 2014).



Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é discutir as principais intervenções produzidas no espaço urbano do centro histórico do Recife, especialmente na ZEPH 09, desde o anúncio da construção do Novotel Marina.

Conforme ilustrado na Figura 2, a região vem recepcionando diversas intervenções públicas, além da chegada de novos empreendimentos privados, que apontam para uma mudança significativa na forma como o este espaço será utilizado pelas novas demandas econômicas que serão geradas pela chegada do Novotel Marina. Atualmente, são 4 projetos em prospecção, 3 em andamento, 2 obras em definição e 7 obras em andamento, entre elas obras de drenagem, mudança viária, requalificação dos passeios e reforma do Mercado de São José.

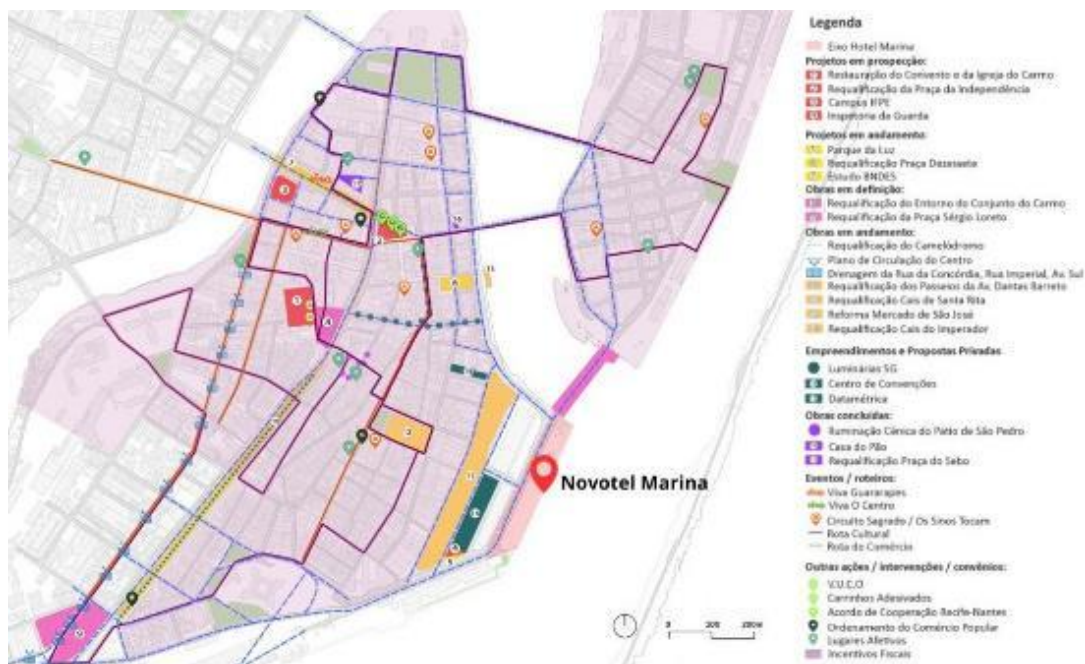


Figura 2 - Intervenções no entorno do Novotel Marina e no perímetro da ZEPH 09.  
Fonte: Elaboração própria (2024).

Várias intervenções de lazer e turismo também foram realizadas, como a criação da Rota Histórico Cultural. Também foram criados circuitos pelas igrejas históricas do centro e restaurantes tradicionais, além de eventos mensais em ruas e avenidas da área central. A área também conta com um pacote de incentivos fiscais concedidos por meio da Lei 19.172/2023 que estabelece isenção de até 100% do IPTU na realização de construção, recuperação e renovação nos imóveis.

Este pacote de intervenções demonstra o impacto do Novotel Marina e reforça o turismo como uma das principais políticas de reabilitação de centros urbanos atuando na produção do espaço, orientando a gestão urbana local a partir da ocupação do território pelos agentes turístico-imobiliários. Porém, alguns problemas ainda persistem e impedem que o seu processo de reabilitação urbana ocorra em consonância com o conceito apresentado na Carta de Lisboa, sobretudo no que diz respeito à desigualdade social, refletida na elevada sensação de



insegurança, na presença de pessoas em situação de rua e na grande quantidade de imóveis históricos ociosos, vazios e deteriorados.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Cristina Pereira. Investimentos imobiliários e meios de hospedagem. In: VARGAS, H.C.; ARAUJO, C.P. Arquitetura e Mercado Imobiliário. Barueri, São Paulo: Manole, 2014.

CARRIÓN, Fernando. Los desafíos actuales en los centros históricos. Seminario Permanente Centro Histórico de la Ciudad de México Vol. 3. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México. 2014. p. 27 - 37.

CARTA de Reabilitação Urbana Integrada – Carta de Lisboa, 1995. (mimeo).

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Desenvolvimento desigual e turismo no Brasil. Confins [En ligne], 36 | 2018, mis en ligne le 02 juillet 2018.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Política de Turismo e Território. São Paulo: Contexto, 2001.

LACERDA, Norma. Mercado imobiliário de bens patrimoniais: um modelo interpretativo a partir do centro histórico do Recife (Brasil). EURE, Santiago de Chile, v. 44, n. 132, p. 113 - 132, Mai. 2018.

PREFEITURA DO RECIFE. Prefeitura apresenta realizações do Recentro em reunião com CDL Recife. Disponível em: <<https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/27/10/2023/prefeitura-apresenta-realizacoes-do-recentro-em-reuniao-com-cdl-recife>> Acesso em 14 de Maio de 2024.



## RESUMO do Trabalho 04

### REVISITANDO O LUGAR DAS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO LITORÂNEA E TURÍSTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA

Atualmente, embora constituam um meio de hospedagem que integra a oferta turística, as segundas residências são originalmente um tipo específico de domicílio particular de uso sazonal, comuns em espaços turísticos ou zonas de lazer. Trata-se de “um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que têm domicílio permanente num outro lugar” (TULIK, 1995, p. 21). No Brasil, o IBGE, qualifica e quantifica as segundas residências como domicílios de uso ocasional e o Censo de 2022 contabilizou aproximadamente 6,7 milhões de imóveis desta natureza, sendo que 31% do total está localizado em municípios costeiros. Nesses termos, 280 municípios brasileiros reúnem quase um terço dessas residências secundárias, dentre os mais de 5.500. Esses dados demonstram a importância da zona costeira e do espaço litorâneo como ambientes atrativos ao lazer, ao turismo e ao imobiliário que lhe dá suporte.

Dentre os municípios litorâneos, há aqueles que fazem parte de regiões metropolitanas ou áreas de influência das metrópoles, onde a concentração de segundas residências é fato relevante. No nordeste do Brasil, Salvador, Recife e Fortaleza são as principais regiões metropolitanas e também as que apresentam maior concentração dessa tipologia.

Assim, o presente trabalho, fragmento de uma pesquisa mais ampla em andamento, pretende investigar o lugar das segundas residências no processo de urbanização litorânea e turística na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), enfatizando seus aspectos quantitativos (crescimento, localização e expansão) e qualitativos (morfologia urbana e arquitetônica).

Os pressupostos teóricos se sustentam no debate sobre o estreitamento cada vez maior entre as atividades de vilegiatura, turismo e lazer na contemporaneidade, que resultam em conceitos e práticas como “turismo residencial”, compreendido como uma interseção entre o turismo e a complexificação dos estilos de vida, dando lugar a novas formas de habitabilidade (Santos e Costa, 2009; Mazón, Huete e Mantecón, 2009); ou “turismo imobiliário”, termo que tem sido utilizado para caracterizar a intensificação do processo de urbanização litorânea no Brasil, suscitado pelos empreendimentos imobiliários das segundas residências (Cruz, 2009).

Nessa encruzilhada, surgem os empreendimentos turístico-imobiliários (ETI) (Araújo, 2011) e a discussão sobre o imobiliário-turístico (Pereira, Dantas e Gomes, 2017), onde se verifica uma complementaridade entre as unidades de hospedagem do hotel e as novas tipologias da segunda residência. Vale destacar outros fatores que concorrem para o desenvolvimento desse fenômeno contemporâneo, como a tendência à internacionalização (Paiva, 2011); o incremento quantitativo pós-pandemia; o uso desses domicílios como oferta turística nas plataformas de economia compartilhada.



A RMF agrega 19 municípios, dos quais, 8 são litorâneos (Figura 1). De acordo com o IBGE (2022), nela foram registradas 81 mil segundas residências, sendo que 85% estão localizadas nos municípios litorâneos. Destacam-se, em termos absolutos, a cidade de Fortaleza (28 mil), Caucaia (13 mil) e Aquiraz (11,6 mil) (Figura 2). No que concerne à relação entre o número de segundas residências e o total de domicílios particulares permanentes, Aquiraz, Paracuru e São Gonçalo do Amarante apresentam, respectivamente, 25%, 19% e 15,6% de segundas residências em relação aos domicílios permanentes.

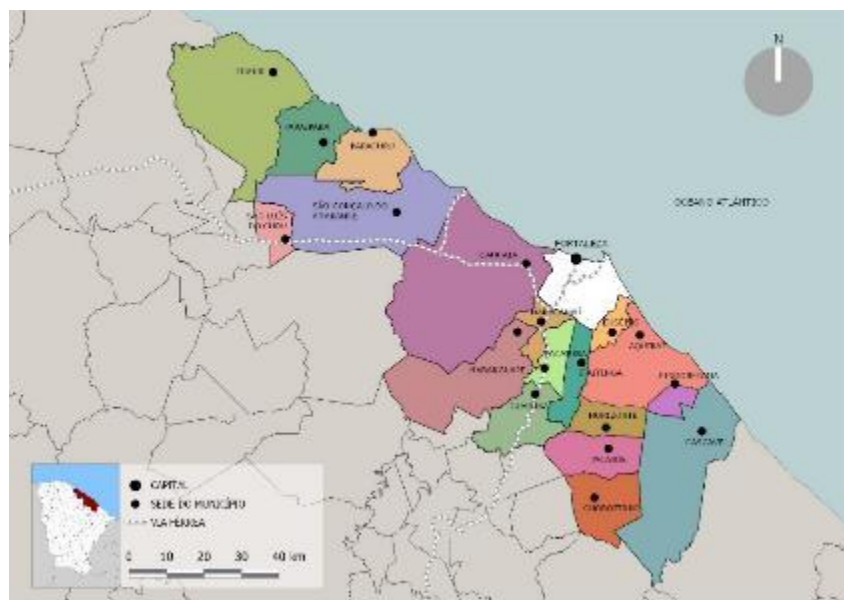


Figura 1 – Região Metropolitana de Fortaleza  
Fonte: elaborado pelos autores

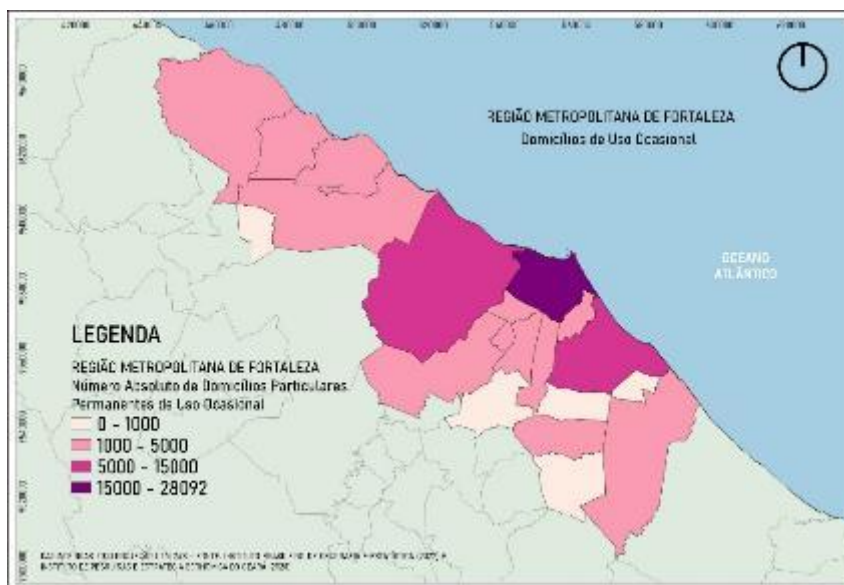


Figura 2 – RMF – domicílios de uso ocasional  
Fonte: IBGE (2022); IPEA (2020)



De início, é possível perceber dois padrões de expansão e localização desse tipo de imóvel no litoral metropolitano. Primeiramente, aquele que se dá na concentração dessa tipologia no principal polo metropolitano, a cidade de Fortaleza. Essa concentração está diretamente relacionada sobretudo à sua condição marítima e turística, fato que explica o uso sazonal dos imóveis no seu front litorâneo, principal área turística da capital. Os usuários são moradores de outras cidades do estado, de outras regiões ou mesmo estrangeiros. O segundo movimento, mais comum, é responsável pela ocupação do litoral dos demais municípios metropolitanos, sobretudo aqueles mais próximos da capital. Nesse sentido, é possível assinalar a importância dos números registrados em Caucaia e Aquiraz, vizinhos a Fortaleza. Tais domicílios são relevantes também na composição do tecido urbano litorâneo de municípios como São Gonçalo do Amarante, Paracuru e Trairi.

Essas residências secundárias se organizam espacialmente na forma de extensos condomínios de lazer (Figura 3) surgidos recentemente, que vieram substituir os antigos loteamentos de residências de férias e fim de semana, comercializados nos anos 1970-1990. São empreendimentos com características diferenciadas, com unidades residenciais de médio e alto padrão, organizados em torno de grandes áreas de lazer e com fácil acesso à orla (Diógenes, 2012). Esses conjuntos conformam uma espacialização diferenciada, alterando substancialmente a paisagem litorânea.



Figura 3: Condomínios no Porto das Dunas (Aquiraz)  
Fonte: acervo autores

Assim como os resorts, os condomínios trazem consigo a noção de confinamento espacial, com seus muros, cercas elétricas e acesso restrito, constituindo verdadeiros “enclaves” urbanos, se valendo das localizações mais privilegiadas e reforçando os padrões de segregação socioespacial.

O programa de necessidades é bastante similar em todos eles e compreende geralmente, além dos apartamentos e estacionamentos, ampla estrutura de serviços e lazer, que inclui: clube privativo, salão de eventos, restaurantes, complexo aquático com deck, sauna, quadras



poliesportivas, salão de jogos, espaço gourmet, churrasqueira, área verde, ciclovias, spa, academias etc.

Em síntese, os aspectos materializados na morfologia urbana e arquitetônica compreendem, segundo Paiva (2011): o caráter privado e seguro do espaço murado, controlado e isolado das preexistências socioespaciais; a ausência de interface do empreendimento com a dimensão pública do espaço urbano, ao mesmo tempo em que estabelece analogias formais e funcionais com ele, ao reproduzir praças, centro comercial e de serviços no seu interior; a privatização da praia e de outros recursos naturais e, finalmente, a grande extensão de área desses complexos.

Por fim, é importante destacar que a urbanização litorânea e turística da RMF caracteriza-se pela coexistência de processos socioespaciais distintos acumulados no tempo e no espaço, tais como: a existência de segundas residências produzidas nas décadas de 1970 e 1980, responsáveis pela configuração dos primeiros balneários turísticos na RMF; a permanência das comunidades locais e a tendência à sua expulsão das localizações mais privilegiadas em razão do fenômeno da gentrificação (Paiva; Dantas, 2023); a inversão da residência secundária em principal, intensificada durante e após a pandemia da COVID-19; e a emergência de novas tipologias de segunda residência.

Esses processos carecem de permanente observação e investigação, a fim de acompanhar o fenômeno das segundas residências como motor da urbanização litorânea e turística na RMF.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cristina Pereira de. **Terra à vista! O litoral brasileiro na mira dos empreendimentos turísticos imobiliários**. 2011. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CRUZ, Rita de Cassia Ariza. Los nuevos escenarios del turismo residencial en Brasil: un análisis crítico. In: MAZÓN, Tomás; HUETE, Raquel; MANTECÓN, Alejandro (Org.). **Turismo, urbanización y estilos de vida: las nuevas formas de movilidad residencial**. Alicante: Icaria, 2009.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; FERREIRA, Angela Lúcia; CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. (Org.). **Turismo e imobiliário nas metrópoles**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. **Dinâmicas urbanas recentes da área metropolitana de Fortaleza**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAUUSP, São Paulo, 2012.

SANTOS, Rossana; COSTA, Carlos. La segunda residencia y su relación com el alojamiento Portugal. In: MAZÓN, Tomás; HUETE, Raquel; MANTECÓN, Alejandro (Org.). **Turismo, urbanización y estilos de vida: las nuevas formas de movilidad residencial**. Alicante: Icaria, 2009.

PAIVA, Ricardo Alexandre. **A metrópole híbrida: o papel do turismo no processo de urbanização da região metropolitana de Fortaleza**. 2011. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.



PAIVA, Ricardo Alexandre; DANTAS, Jose Lucas P. Mapeando a gentrificação turística na Região Metropolitana de Fortaleza. In: **Anais do IV CILITUR - Colóquio Internacional sobre Cidades Litorâneas e Turismo - Turismo, Democracia e Direito ao Território**, 2024, Fortaleza. In: Anais do IV Cilitur - Colóquio Internacional sobre Cidades Litorâneas e Turismo. Fortaleza: SEBRAE-CE, 2023. v. 1. p. 1-7.

PEREIRA, Alexandre Queiroz; DANTAS, Eustógio. Wanderley Correia.; VIEIRA, Kaio Duarte. **Brasil, país das segundas residências metropolitano-litorâneas**. CONFINS (PARIS), v. 1, p. 1-18, 2024.

PEREIRA, Alexandre Queiroz.; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. (Org.). **Espacialidades turísticas: do regional ao global**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

PEREIRA, Alexandre Queiroz.; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia.; GOMES, Iara Rafaela. **Lazer na praia: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste**. Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2017.

TULIK, Olga. **Residências secundárias: presença, dimensão e expressividade do fenômeno no Estado de São Paulo**. São Paulo: Tese de livre docência – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.



## RESUMO do Trabalho 05

### MUSEUS E TURISMO NAS PERIFERIAS CARIOCAS: PATRIMÔNIO, PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E IDENTIDADE

O trabalho aqui apresentado vem sendo desenvolvido a partir de pesquisa sobre turismo de base comunitária nas favelas cariocas, que vem sendo realizada desde 2014. Nesses caminhos do turismo comunitário, foi sendo percebida a importância de museus nessas áreas periféricas, não somente nas favelas, como em quilombos e também nos subúrbios do Rio de Janeiro. A relação entre visita dos museus e patrimônio é bastante consistente e, nos casos estudados, tem estado a cargo de grupos locais. Diversas favelas turísticas pesquisadas têm seus percursos de visita considerados como museus territoriais, como é o caso do Cantagalo, com o Museu de Favela MUF, e da Rocinha, no Rio de Janeiro, com o Sankofa (figuras 1 e 2, respectivamente). Além desses, o Museu da Maré é um dos exemplos de como a presença de museus e espaços culturais é um marco da resistência dessas comunidades, no caso, como um museu tradicional e importante centro de atividades comunitárias.



Figura 1: Visita guiada Cantagalo, MUF  
Fonte:, Foto do autor, 2014



Figura 2: Visita guiada pelo Sankofa Rocinha, 2024  
Fonte:, Foto do autor, 2014

A ideia da favela como patrimônio, e mesmo das periferias como patrimônio transborda os conceitos tradicionais. Autores como Choay (2005 [1988]) mostram como patrimônio originalmente é aquilo que se passa para as novas gerações e, em termos de arquitetura e urbanismo, inclui não somente o que é monumento, mas a arquitetura vernacular. Esta discussão ocorre em áreas periféricas de Paris, e pode ser transposta para a discussão de favela como patrimônio. As favelas cariocas como patrimônio aparecem em trabalhos de autores como Pinto, Silva e Loureiro (2012) e de Rodrigues (2014), ou nos textos de Freire-Medeiros (2006), Chagas, Assunção e Glas (2014), que mostram a importância que a ideia dos museus territoriais e de comunidade passa a ter não somente para as favelas, mas para a cidade. Não à toa, Chagas é um dos personagens importantes na criação do Museu de Favela MUF, no Cantagalo, e autores como Freire-Medeiros não desconectam o turismo do patrimônio nas favelas.

Agier (1999) traz uma importante colocação em que compara favelas e invasões brasileiras, townships africanas e as periferias francesas como lugares de surgimento de atividades importantes para a cultura, assim como Fernandes, Souza e Barbosa (2018) falam da favela





Figura 4: Visita ao Museu da Maré  
Fonte: Foto do autor, 2023



Figura 5: Visita Quilombo Cafundá Astrojilda  
Fonte: Foto do autor, 2022

A pesquisa, ainda em andamento, vem buscando maior contato com os diversos atores envolvidos, nas comunidades em que se encontram os museus. São feitas perguntas em relação às fontes de financiamento, como é a participação da comunidade e do Estado.

Mesmo tendo a Zona Oeste o maior número de museus, é na Zona Sul e em suas favelas, área mais turistificada da cidade, que encontramos os museus com maior visitação e visibilidade. A ida recente ao Sankofa mostrou como esses museus são importantes no processo de visibilização da identidade e da cultura locais, com uma importante função de gerar esforços coletivos em prol dessas comunidades. Ainda tem papel relevante em relação a questões de renda, como ocorre no Quilombo Cafundá Astrojilda, em que os ganhos derivados da visitação são aproveitados em pequenas obras de acesso, melhorando a vida da comunidade. Desse modo, a pesquisa busca reforçar a importância da participação comunitária de cada museu, dentro de uma luta de resistência, muitas vezes territorial, contra a exclusão cultural, social, econômica e histórica a que essas populações são geralmente expostas.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *L'invention de la ville: banlieueus, townships, invasions e favelas*. Amsterdam: Éditions des archives contemporaines, 1999.

CHAGAS, Mário; ASSUNÇÃO, Paula e GLAS, Tamara. "Museologia social em movimento". *Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social*. Dezembro de 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2618>. Acesso em 08/09/2023.

CHOAY, Françoise. *Patrimoine*. In CHOAY, Françoise., Merlin, Pierre. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France, 2005[1988].

FERNANDES, Fernando; SILVA, Jailson de Souza e; BARBOZA, Jorge. "O paradigma da potência e a pedagogia da convivência". *Revista Periferias*, V.1, N.1. Rio de Janeiro: UNIPeriferias, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/>. Acesso em 15 de abril de 2020.



FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus”. *Estudos Históricos*, n.38, Rio de Janeiro, 2006, pp. 49-66. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266>. Acesso em 15/08/2014.

PINTO, Rita de Cásia Santos; SILVA, Carlos Esquivel Gomes da.; LOUREIRO, Kátia Afonso Silva (Org). *Circuito das casas-tela: caminhos de vida no Museu de Favela*. Rio de Janeiro: Museu de Favela, 2012.

RODRIGUES, Mônica. *Tudo junto e misturado: o almanaque da favela: turismo na Santa Marta*. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2014.